

LIÇÃO 14

A Oposição do Verdadeiro e do Falso que Constitui a Contrariedade das Opiniões É a Oposição Segundo a Afirmação e a Negação do Mesmo Predicado do Mesmo Sujeito

23b 13 Antes, aquelas opiniões nas quais há falácia devem ser postuladas como contrárias às opiniões verdadeiras. Ora, as coisas das quais surgem as falácias são as coisas das quais surgem as gerações; mas as gerações são a partir de opostos, portanto, também as falácias.

23b 15 Ora, se aquilo que é bom é tanto bom quanto não mau, o primeiro por si, o segundo acidentalmente (pois é acidental àquilo que é bom não ser mau), e a opinião verdadeira que é uma opinião por si de uma coisa é mais verdadeira, então a opinião falsa que é uma opinião por si é também mais falsa. Mas a opinião de que aquilo que é bom não é bom é uma opinião falsa sobre o que pertence por si a um bem, e a opinião de que é mau, uma opinião falsa sobre o que lhe pertence acidentalmente. Portanto, a opinião da negação do bem será mais falsa do que a opinião que afirma um contrário. Ora, aquele que sustenta a opinião contrária sobre cada coisa é o que mais se engana; pois os contrários são aqueles que diferem ao máximo com respeito à mesma coisa. Se, então, de duas opiniões, uma é a contrária, mas a opinião da negação é mais contrária, é evidente que esta deve ser a contrária. A opinião de que aquilo que é bom é mau, contudo, é implicativa; pois, provavelmente, junto com esta opinião, deve-se entender que o bem não é bom.

23b 27 Ademais, se isto necessariamente se mantém de modo semelhante em todos os outros casos, pareceria que o que dissemos é correto; pois a oposição de contradição ou se mantém em toda parte ou em nenhuma. Ora, no caso em que não há contrário, é falsa aquela opinião que é o oposto da opinião verdadeira; por exemplo, aquele que pensa que o homem não é homem pensa falsamente. Se, então, estas são contrárias, as outras, nas quais há contradição, são também contrárias.

23b 33 Novamente, as opiniões daquilo que é bom, que é bom, e daquilo que não é bom, que não é bom, são paralelas; assim também o são as opiniões daquilo que é bom, que não é bom, e daquilo que não é bom, que é bom. Qual, então, seria a contrária de uma opinião verdadeira de que aquilo que não é bom não é bom? Não é a opinião que diz que é mau. Esta poderia ser ao mesmo tempo verdadeira, e uma opinião verdadeira nunca é contrária a uma opinião verdadeira; pois algumas coisas que não são boas são más e, portanto, é possível que ambas as opiniões sejam verdadeiras. Nem é contrária a opinião de que não é mau, pois esta também poderia ser verdadeira, uma vez que algo poderia ser, ao mesmo tempo, não bom e não mau. Resta, portanto, que a contrária de uma opinião de que aquilo que não é bom não é bom é a opinião falsa de que aquilo que não é bom é bom; pois a primeira é verdadeira. Portanto, também a opinião de que aquilo que é bom não é bom é contrária à opinião de que aquilo que é bom é bom.

24a 3 É evidente que não fará diferença se postularmos a afirmação universalmente, pois a negação universal será a contrária. Por exemplo, a contrária da opinião de que tudo o que é bom é bom é que nada do que é bom é bom. Pois a opinião de que aquilo que é bom é bom, se o bom é tomado universalmente, é a mesma que a opinião de que tudo o que é bom é bom; e esta não é diferente da opinião de que toda coisa que é boa é boa. E o mesmo é o caso com respeito ao não bom.

24b 1 Se, portanto, este é o caso com respeito à opinião, e as afirmações e negações no som vocal são sinais daquelas na alma, é evidente que a contrária da afirmação é a negação do mesmo sujeito universalmente. Por exemplo, a contrária da enunciação "Tudo o que é bom é bom" é "Nada do que é bom é bom", ou de "Todo homem é bom", "Nenhum homem é bom". As contraditórias, por outro lado, são "Nem tudo o que é bom é bom" e "Nem todo homem é bom".

24b 6 É evidente, também, que o verdadeiro não pode ser contrário ao verdadeiro, nem na opinião, nem na contradição. Pois os contrários são acerca de opostos e, embora seja possível que a mesma coisa seja dita verdadeiramente sobre os contrários, não é possível que os contrários pertençam ao mesmo tempo ao mesmo sujeito.

1. Aristóteles acaba de completar uma investigação sutil na qual mostrou que a contrariedade da matéria não constitui a contrariedade da opinião, nem qualquer tipo de oposição do verdadeiro e do falso a constitui, mas sim alguma oposição do verdadeiro e do falso. Agora, ele pretende determinar que tipo de oposição do verdadeiro e do falso é que constitui a contrariedade das opiniões, pois isto responderá diretamente à questão.

Ele sustenta que apenas a oposição de opiniões segundo a afirmação e a negação da mesma coisa da mesma coisa, etc., constitui a sua contrariedade. Consequentemente, como resposta à questão, ele pretende provar a seguinte conclusão: as opiniões opostas segundo a afirmação e a negação da mesma coisa da mesma coisa são contrárias; e, consequentemente, as opiniões opostas segundo a afirmação de predicados contrários do mesmo sujeito não são contrárias, pois, se estas fossem contrárias, a afirmativa verdadeira teria dois contrários, o que é impossível, uma vez que um é contrário a um outro.

2. Aristóteles usa três argumentos para provar esta conclusão. O primeiro é o seguinte: Aquelas opiniões nas quais há falácia primeiro são contrárias. As opiniões opostas segundo a afirmação e a negação do mesmo predicado do mesmo sujeito são aquelas nas quais há falácia primeiro. Portanto, estas são contrárias.

O sentido da maior é este: As opiniões que, primeiro na ordem da natureza, são os limites da falácia, isto é, do engano ou erro, são contrárias; pois, quando alguém é enganado ou erra, há dois limites: aquele do qual se afasta e aquele para o qual se volta.

No texto, a maior do argumento é postulada primeiro: *Antes, aquelas opiniões nas quais há falácia devem ser postuladas como contrárias às opiniões verdadeiras.* Ao unir esta parte do texto adversativamente com o que foi dito anteriormente, Aristóteles dá a entender que não são contrárias quaisquer do número de opiniões enumeradas, mas aquelas nas quais há falácia primeiro, do modo que explicamos. Depois, ele dá esta prova da menor: *as coisas das quais as*

gerações são e das quais as falácias são, são as mesmas proporcionalmente; as gerações são a partir de opostos segundo a afirmação e a negação; portanto, as falácias também são a partir de opostos segundo a afirmação e a negação (o que foi assumido na menor). Donde, ele postula a maior deste prossilógismo: *Ora, as coisas das quais surgem as falácias*, a saber, os limites, *são as coisas das quais surgem as gerações* — proporcionalmente, contudo. Sob ela, ele postula a menor: *mas as gerações são a partir de opostos*, isto é, segundo a afirmação e a negação. Finalmente, ele conclui: *portanto, também as falácias*, isto é, são a partir de opostos segundo a afirmação e a negação da mesma coisa da mesma coisa.

3. Esta prova será mais evidente a partir do seguinte: O conhecimento e a falácia, ou erro, realizam a mesma coisa na progressão do intelecto que a geração e a corrupção realizam na progressão da natureza. Pois, assim como as perfeições naturais são adquiridas por gerações e perecem por corrupções, assim as perfeições intelectuais são adquiridas pelo conhecimento e perdidas por erros ou enganos. Consequentemente, assim como a geração e a corrupção estão entre a afirmação e a negação como termos próprios, como se diz no livro V da *Física* [1: 224b 35], assim tanto conhecer algo como enganar-se sobre ele está entre a afirmação e a negação como termos próprios. Consequentemente, o que aquele que conhece atinge primeiro na segunda operação do intelecto é a afirmação da verdade, e o que ele rejeita por si e primeiro é a negação dela. Do mesmo modo, o que aquele que é enganado perde por si e primeiro é a afirmação da verdade, e adquire primeiro é a negação da verdade. Portanto, Aristóteles está correto ao sustentar que os termos entre os quais há geração primeiro e entre os quais há falácia primeiro são os mesmos, porque, com respeito a ambos, os termos são a afirmação e a negação.

4. Quando ele diz: *Ora, se aquilo que é bom é tanto bom quanto não mau, o primeiro por si, o segundo acidentalmente*, etc., ele pretende provar a maior do argumento principal. Ele já mostrou que as opiniões nas quais há falácia primeiro são a afirmação e a negação e, portanto, no lugar da maior a ser provada (isto é, as opiniões nas quais há falácia primeiro são contrárias), ele usa a sua conclusão — que já foi mostrada ser equivalente — de que as opiniões opostas segundo a afirmação e a negação da mesma coisa são contrárias. Assim, com sua brevidade costumeira, ele de uma só vez prova a maior, responde diretamente à questão e aplica-a ao que propôs.

No lugar da maior, então, ele prova a conclusão principalmente pretendida, isto é, que as opiniões opostas segundo a afirmação e a negação da mesma coisa são contrárias, e não aquelas opostas segundo a afirmação de contrários sobre a mesma coisa. Seu argumento é o seguinte: Uma opinião verdadeira e a opinião que é mais falsa com respeito a ela são opiniões contrárias, mas as opiniões opostas segundo a afirmação e a negação são a opinião verdadeira e a opinião que é mais falsa com respeito a ela; portanto, as opiniões opostas segundo a afirmação e a negação são contrárias. A maior é provada assim: aquelas coisas que são as mais distantes com respeito à mesma coisa são contrárias; mas o verdadeiro e o mais falso são os mais distantes com respeito à mesma coisa, como é claro. A prova da menor é que o oposto segundo a negação da mesma coisa da mesma coisa é por si falso em relação à afirmação verdadeira dele. Mas uma opinião por si falsa é mais falsa do que qualquer outra, uma vez que cada coisa que é por si tal é mais tal do que qualquer coisa que é tal em razão de outra coisa.

5. Consequentemente, voltando às opiniões já dadas ao propor a questão, de modo a mostrar a sua intenção mais claramente por exemplo, ele começa com a prova da menor. Há quatro

opiniões, das quais duas são verdadeiras: "Um bem é bom", "Um bem não é mau"; duas são falsas: "Um bem não é bom" e "Um bem é mau". É evidente que a primeira é verdadeira por razão de si mesma, a segunda acidentalmente, isto é, por razão de outra, pois não ser mau é acrescentado àquilo que é bom. Donde, "Um bem não é mau" é verdadeira porque um bem é bom, e não contrariamente. Portanto, a primeira destas opiniões, que é por si verdadeira, é mais verdadeira do que a segunda, pois, em cada gênero, aquilo que por si é verdadeiro é mais verdadeiro. As duas opiniões falsas devem ser julgadas do mesmo modo. A mais falsa é aquela que é por si falsa. A primeira delas, a negativa, "Um bem não é bom", em relação à afirmativa, "Um bem é bom", é por si falsa, não falsa por razão de outra. A segunda, a afirmativa do contrário, "Um bem é mau", em relação à mesma opinião, é falsa acidentalmente, isto é, por razão de outra (pois "Um bem é mau" não é imediatamente falsificada pela opinião verdadeira, "Um bem é bom", mas mediatamente, através da outra opinião falsa, "Um bem não é bom"). Portanto, a negação da mesma coisa é mais falsa com respeito a uma afirmação verdadeira do que a afirmação de um contrário. Isto foi assumido na menor.

6. Como foi assinalado acima, Aristóteles volta às opiniões já postuladas e infere as duas primeiras opiniões verdadeiras: *Ora, se aquilo que é bom é tanto bom quanto não mau, e se o que a primeira opinião diz é verdadeiro por si*, isto é, por razão de si mesma, e o que a segunda opinião diz é verdadeiro acidentalmente (uma vez que é accidental a ela, isto é, acrescentado a ela, isto é, ao bem, não ser mau), e se, em cada ordem, aquilo que é por si verdadeiro é mais verdadeiro, então aquilo que é por si falso é mais falso, uma vez que, como foi mostrado, o verdadeiro também é desta natureza, a saber, que o mais verdadeiro é aquilo que por si é verdadeiro.

Portanto, das duas opiniões falsas propostas na questão, a saber, "Um bem não é bom" e "Um bem é mau", *a que diz que o que é bom não é bom*, a saber, a negativa, é uma opinião que postula o que é por si falso, isto é, por razão de si mesma contém falsidade em si. A outra opinião falsa, *a que diz que é mau*, a saber, a afirmativa contrária com respeito a ela, isto é, com respeito à afirmação que diz que um bem é bom, *é falsa acidentalmente*, isto é, por razão de outra.

Depois, ele dá a menor: *Portanto, a opinião da negação do bem será mais falsa do que a opinião que afirma um contrário*. Em seguida, ele postula a maior: *aquele que sustenta o juízo contrário sobre cada coisa é o que mais se engana*, isto é, em relação ao juízo verdadeiro, o contrário é mais falso. Isto foi assumido na maior. Ele dá como prova disto: *pois os contrários são aqueles que diferem ao máximo com respeito à mesma coisa*, pois nada difere mais de uma opinião verdadeira do que a opinião mais falsa com respeito a ela.

7. Finalmente, ele aborda diretamente a questão. *Se (por "uma vez que"), então, de duas opiniões* (a saber, opiniões falsas — a negação da mesma coisa e a afirmação de um contrário), *uma é a contrária da afirmação verdadeira, e a opinião contraditória*, isto é, a negação da mesma coisa da mesma coisa, *é mais contrária segundo a falsidade*, isto é, é mais falsa, *é evidente que a opinião falsa da negação será contrária à afirmação verdadeira, e vice-versa. A opinião que diz que o que é bom é mau*, isto é, a afirmação de um contrário, *não é a contrária, mas a implica*, isto é, implica em si mesma a opinião contrária à opinião verdadeira, isto é, "Um bem não é bom". A razão disto é que aquele que concebe a afirmação de um contrário deve conceber que a mesma coisa da qual afirma o contrário não é boa. Se, por exemplo, alguém concebe que a vida é má, deve conceber que a vida não é boa, pois a primeira segue-se necessariamente à segunda, e não o contrário.

Donde, a afirmação de um contrário é dita ser implicativa, mas a negação da mesma coisa da mesma coisa não é implicativa. Isto conclui o primeiro argumento.

8. A regra geral sobre a contrariedade das opiniões que Aristóteles deu aqui (a saber, que as opiniões contrárias são aquelas opostas segundo a afirmação e a negação da mesma coisa da mesma coisa) é precisa tanto em si mesma quanto nas proposições assumidas para a sua prova. Muitas questões podem surgir, contudo, como consequência desta doutrina e da sua prova. Antes de tudo, todos os filósofos sustentam que a oposição segundo a afirmação e a negação constitui a contradição, não a contrariedade. Como, então, pode Aristóteles sustentar que as opiniões opostas deste modo são contrárias? A dificuldade é aumentada pelo fato de que ele disse que aquelas opiniões nas quais há falácia primeiro são contrárias, contudo acrescenta que são opostas como o são os termos da geração, que ele estabelece serem opostos contraditoriamente. Além disso, há uma dificuldade quanto ao modo como é verdadeira a asserção de São Tomás, que usamos acima, a saber, que duas opiniões não são opostas contraditoriamente, uma vez que aqui é explicitamente dito que algumas são opostas segundo a afirmação e a negação.

A segunda questão envolve a sua assunção de que a contrária de cada opinião verdadeira é por si falsa. Isto não parece ser verdadeiro, pois, segundo o que foi determinado previamente, a contrária da opinião verdadeira "Sócrates é branco" é "Sócrates não é branco". Mas esta não é por si falsa, pois a afirmação oposta é verdadeira acidentalmente, e, por isso, a sua negação é falsa acidentalmente. A falsidade é acidental a tal enunciação porque, estando em matéria contingente, pode ser mudada em uma verdadeira.

Uma terceira dificuldade surge do fato de que Aristóteles diz que *a opinião contraditória é mais contrária*. Ele parece estar propondo, de acordo com isto, que tanto a opinião da negação quanto a de um contrário são contrárias a uma afirmação verdadeira. Consequentemente, ou ele está postulando duas opiniões contrárias a uma, ou não está tomando a contrariedade estritamente, embora tenhamos mostrado acima que ele estava tomando a contrariedade própria e estritamente.

9. A fim de responder a todas as dificuldades com respeito ao primeiro argumento, deve-se notar que as opiniões, ou concepções intelectuais na segunda operação, podem ser tomadas de três modos: (1) segundo o que são absolutamente; (2) segundo as coisas que representam absolutamente; (3) segundo as coisas que representam, tal como estão nas opiniões. Omitiremos o primeiro, uma vez que não pertence à presente consideração. Se são tomadas do segundo modo, isto é, segundo as coisas representadas, pode haver entre elas oposição de contradição, de privação e de contrariedade. A enunciação mental "Sócrates vê", segundo o que representa, é oposta contraditoriamente a "Sócrates não vê"; privativamente a "Sócrates é cego"; contrariamente a "Sócrates é vesgo". Aristóteles assinala a razão disto nos *Postpredicamenta* [Categ. 10: 12a 35]: não só a cegueira é privação da vista, mas ser cego é também uma privação de estar vendo, e assim dos outros.

As opiniões tomadas do terceiro modo, isto é, como as coisas representadas através das opiniões estão nas opiniões, não têm oposição senão a contrariedade; pois os opostos, tal como estão nas opiniões, quer representados contraditória, privativa ou contrariamente, só admitem a oposição que pode ser encontrada entre dois entes reais, pois as opiniões são entes reais. A regra é que

tudo o que pertence a algo segundo o ser que tem em outro pertence-lhe segundo o modo e a natureza daquilo em que está, e não segundo o que a sua própria natureza requereria. Ora, entre os entes reais, só a contrariedade se encontra formalmente. (Estou omitindo aqui a consideração da oposição relativa.) Portanto, as opiniões tomadas neste modo, se são opostas, representam contrariedade, embora nem todas sejam contrárias propriamente. Apenas aquelas que diferem ao máximo com respeito à verdade e à falsidade sobre a mesma coisa são contrárias propriamente. Ora, Aristóteles provou que estas são os juízos que afirmam e negam a mesma coisa da mesma coisa. Portanto, estes são os verdadeiros contrários. Os restantes são chamados contrários por redução a estes.

10. Disto, a resposta às objeções é clara. Concedemos que a afirmação e a negação, em si mesmas, constituem a contradição. Nos juízos atuais, a afirmação e a negação causam contrariedade entre as opiniões, por causa da distância extrema que postulam entre entes reais, a saber, a opinião verdadeira e a opinião falsa com respeito à mesma coisa. E estas duas coisas mantêm-se ao mesmo tempo: aquelas nas quais há falácia primeiro são opostas como o são os termos da geração, e contudo são contrárias, pelo uso da supracitada distinção — pois são opostas contraditoriamente como termos da geração, segundo as coisas representadas, mas são contrárias enquanto têm em si mesmas aqueles contraditórios e, por isso, diferem ao máximo.

É também evidente que não há desacordo entre Aristóteles e São Tomás, pois mostramos que é verdade que algumas opiniões são opostas segundo a afirmação e a negação, se considerarmos as coisas representadas, como é dito aqui.

11. Notar-se-á, contudo, por aqueles de vós que sois mais penetrantes e avançados no vosso pensamento, que entre as opiniões opostas há algo de verdadeiro movimento quando uma mudança é feita do afirmado ao afirmado; mas, segundo a ordem da representação, há uma certa semelhança com a geração e a corrupção, enquanto a mudança é delimitada pela afirmação e pela negação. Consequentemente, a falácia ou o erro podem ser considerados de diferentes modos. Às vezes, têm o aspecto tanto de movimento quanto de mudança. Este é o caso quando alguém muda a sua opinião de uma verdadeira para uma que é por si falsa, ou o contrário. Às vezes, só a mudança é imitada. Isto acontece quando alguém chega a uma opinião falsa, independentemente de uma opinião verdadeira anterior. Às vezes, contudo, há movimento em todos os aspectos. Este é o caso quando a razão passa da afirmação verdadeira para a afirmação falsa de um contrário sobre a mesma coisa.

Contudo, uma vez que a primeira raiz de estar em erro é a oposição da afirmação e da negação, Aristóteles está correto ao dizer que aquelas nas quais há falácia primeiro são opostas como o são os termos da geração.

12. Com respeito à segunda questão, digo que há uma equivocação do termo "por si falso" e "por si verdadeiro" na objeção. A opinião, bem como a enunciação, pode ser chamada por si verdadeira ou falsa de dois modos. Pode ser chamada por si verdadeira em si mesma. Este é o caso com respeito a todas as opiniões e enunciações que estão de acordo com os modos de perseidade enumerados no livro I dos *Segundos Analíticos* [4: 73a 34–73b 15]. Semelhantemente, podem ser ditas por si falsas segundo os mesmos modos. Um exemplo disto seria "O homem não é um animal". Por si verdadeiro ou falso não é tomado neste modo na regra sobre a contrariedade das

opiniões e enunciações, como a objeção conclui. Pois, se isto fosse necessário para a contrariedade das opiniões, não poderia haver opiniões contrárias em matéria contingente, o que é falso.

Em segundo lugar, uma opinião ou enunciação pode ser dita por si verdadeira ou falsa com respeito ao seu oposto: por si verdadeira com respeito à sua opinião falsa oposta, e por si falsa com respeito à sua opinião verdadeira oposta. Consequentemente, dizer que uma opinião é por si verdadeira com respeito ao seu oposto é dizer que, por sua própria conta, e não por conta de outra, é verificada pela falsidade do seu oposto. Semelhantemente, dizer que uma opinião é por si falsa com respeito ao seu oposto significa que, por sua própria conta, e não por conta de outra, é falsificada pela verdade do oposto. Por exemplo, a opinião que é por si falsa com respeito à opinião verdadeira "Sócrates está correndo" não é "Sócrates está sentado", uma vez que a falsidade desta última não se segue imediatamente da primeira, mas mediatamente, da opinião falsa "Sócrates não está correndo". É esta última opinião que é por si falsa em relação a "Sócrates está correndo", uma vez que é falsificada por sua própria conta pela verdade da opinião "Sócrates está correndo", e não através de um intermediário. Semelhantemente, a opinião por si verdadeira com respeito à opinião falsa "Sócrates é quadrúpede" não é "Sócrates é bípede", pois a verdade desta última não torna, por si mesma, a primeira falsa; antes, é através de "Sócrates não é quadrúpede" como médium, que é por si verdadeira com respeito a "Sócrates é quadrúpede"; pois "Sócrates não é quadrúpede" é verificada por sua própria conta pela falsidade de "Sócrates é quadrúpede", como é evidente.

Estamos usando "por si verdadeiro" e "por si falso" neste segundo modo ao propor a regra concernente à contrariedade das opiniões e enunciações. Assim, a regra de que a opinião verdadeira e a opinião por si falsa em relação a ela, e a opinião falsa e a por si verdadeira em relação a ela, são contrárias, é universalmente verdadeira em toda a matéria. Consequentemente, a resposta à objeção é clara, pois resulta de tomar "por si verdadeiro" e "por si falso" no primeiro modo.

13. A resposta à terceira dificuldade é a seguinte. Uma vez que não há outra oposição senão a contrariedade entre as opiniões que se referem uma à outra, Aristóteles (uma vez que escolheu usar termos limitados) foi forçado a dizer que uma é *mais contrária* do que outra, o que implica que ambas têm oposição de contrariedade com respeito a uma opinião verdadeira. Contudo, ele determina imediatamente que apenas uma delas, a opinião negativa, é contrária a uma afirmação verdadeira, quando acrescenta: *é evidente que esta deve ser a contrária*.

O que ele diz, então, é que cada uma, isto é, tanto a negação da mesma coisa quanto a afirmação de um contrário, é contrária a uma afirmação verdadeira, e que apenas uma delas, isto é, a negação, é contrária. Ambas estas afirmações são verdadeiras, pois ambas as contrariedades são causadas por uma oposição contrária à afirmação, como foi dito, mas não uniformemente. A opinião da negação é contrária primeiro e por si; a opinião da afirmação de um contrário, secundariamente e acidentalmente, isto é, através de outra, a saber, por razão da opinião negativa, como já foi mostrado. Há um paralelo a isto nas coisas naturais: tanto o negro quanto o vermelho são contrários ao branco, o primeiro primeiro, o segundo redutivamente, isto é, enquanto o vermelho é reduzido ao negro em um movimento do branco ao vermelho, como se diz no livro V da *Física* [5: 229b 15].

Contudo, a segunda afirmação, isto é, que apenas uma delas, a negação, é contrária, é verdadeira simplesmente, pois os extremos mais distantes de uma extensão são contrários absolutamente. Ora, há apenas dois extremos de uma distância, e, uma vez que, entre as opiniões que se referem uma à outra, a afirmação verdadeira está em um extremo, o extremo restante deve ser concedido a apenas uma opinião falsa, isto é, àquela que é a mais distante da opinião verdadeira. Provou-se que esta é a opinião negativa. Apenas esta, então, é contrária àquela, absolutamente falando. Outros opostos são contrários por razão desta, como foi dito dos que estão no meio.

Portanto, Aristóteles não postulou muitas opiniões contrárias a uma, nem usou a contrariedade em um sentido amplo, ambas as quais foram sustentadas pelo objetor.

14. Quando Aristóteles diz: *Ademais, se isto necessariamente se mantém de modo semelhante em todos os outros casos, pareceria que o que dissemos é correto*, etc., ele dá o segundo argumento para provar que a negação da mesma coisa é contrária à afirmação, e não a afirmação de um contrário. *Se as opiniões estão necessariamente relacionadas de um modo semelhante*, isto é, do mesmo modo, *em outra matéria*, isto é, de tal modo que a afirmação e a negação da mesma coisa são contrárias em outra matéria, *pareceria que o que dissemos sobre as opiniões daquilo que é bom e daquilo que é mau é correto*, isto é, que a contrária da afirmação daquilo que é bom não é a afirmação do mal, mas a negação do bem. Ele prova esta consequência quando acrescenta: *pois a oposição de contradição ou se mantém em toda parte ou em nenhuma*, isto é, em toda matéria, uma parte de uma contradição deve ser julgada contrária à sua afirmação — ou nunca, isto é, em nenhuma matéria. Pois, se há uma arte geral que lida com as opiniões contrárias, as opiniões contrárias devem ser tomadas em toda parte e em toda matéria de um e mesmo modo. Consequentemente, se em qualquer matéria a negação da mesma coisa da mesma coisa é a contrária da afirmação, então, em toda matéria, a negação da mesma coisa da mesma coisa será a contrária da afirmação.

Uma vez que pretende, na sua prova, concluir a partir da posição do antecedente, Aristóteles afirma o antecedente através da sua causa: na matéria em que não há um contrário, tal como a substância e a quantidade, que não têm contrários, como se diz nos *Predicamenta* [Categ. 5: 3b 24; 6: 5b 10], aquela que é contraditoriamente oposta à opinião verdadeira é por si falsa. Por exemplo, aquele que pensa que o homem, por exemplo, Sócrates, não é homem, engana-se por si com respeito àquele que pensa que Sócrates é homem. Depois, ele afirma o antecedente formalmente e conclui diretamente da posição do antecedente para a posição do consequente. *Se, então, estas*, a saber, a afirmação e a negação na matéria que carece de um contrário, *são contrárias, todas as outras contradições devem ser julgadas contrárias*.

15. Depois, ele diz: *Novamente, as opiniões daquilo que é bom, que é bom, e daquilo que não é bom, que não é bom, são paralelas*. Isto começa o terceiro argumento para provar a mesma coisa.

As duas opiniões daquilo que é bom, que é bom, e que não é bom, estão relacionadas do mesmo modo que as duas opiniões daquilo que não é bom, que não é bom e que é bom; isto é, a oposição de contradição é mantida em ambas. A primeira opinião de cada combinação é verdadeira, a segunda, falsa. Donde, com respeito às primeiras opiniões verdadeiras de cada combinação, ele propõe esta maior: *Novamente, as opiniões daquilo que é bom, que é bom, e daquilo que não é bom, que não é bom, são paralelas*. Com respeito ao segundo juízo falso de cada combinação, ele

acrescenta: *assim também o são as opiniões daquilo que é bom, que não é bom, e daquilo que não é bom, que é bom*. Esta é a maior. Mas a contrária da opinião verdadeira daquilo que não é bom, a saber, a opinião verdadeira "Aquilo que não é bom não é bom", não é "Aquilo que não é bom é mau", nem "Aquilo que não é bom não é mau", que têm um predicado contrário, mas a opinião de que aquilo que não é bom é bom, que é a sua contraditória. Portanto, a contrária da opinião verdadeira daquilo que é bom, a saber, a opinião verdadeira "Aquilo que é bom é bom", será também a sua contraditória, "Aquilo que é bom não é bom", e não a afirmação do contrário, "Aquilo que é bom é mau". Donde, ele acrescenta a menor que já enunciamos: *Qual, então, seria a contrária da opinião verdadeira que afirma que aquilo que não é bom não é bom?* A contrária dela não é a opinião que afirma o predicado contrário afirmativamente, "Aquilo que não é bom é mau", porque estas duas são às vezes ao mesmo tempo verdadeiras. Mas uma opinião verdadeira nunca é contrária a uma opinião verdadeira. Que estas duas são às vezes ao mesmo tempo verdadeiras é evidente pelo fato de que algumas coisas que não são boas são más. Toma a injustiça: é algo não bom, e é má. Portanto, as contrárias seriam verdadeiras ao mesmo tempo, o que é impossível. Mas tão-pouco é contrária à supracitada opinião verdadeira aquela que afirma o predicado contrário negativamente, "Aquilo que não é bom não é mau", e pela mesma razão. Estas também serão verdadeiras ao mesmo tempo. Por exemplo, uma quimera é algo não bom, e é verdadeiro dizer dela simultaneamente que não é boa e que não é má.

Resta a terceira parte da menor: a contrária da opinião verdadeira de que aquilo que não é bom não é bom é a opinião de que é bom, que é a sua contraditória. Depois, ele conclui como pretendia: a opinião de que um bem não é bom é contrária à opinião de que um bem é bom, isto é, a sua contraditória. Portanto, deve-se julgar que as contradições são contrárias em toda matéria.

16. Depois, ele diz: *É evidente que não fará diferença se postularmos a afirmação universalmente*, etc. Aqui, ele mostra que a verdade que determinou é estendida às opiniões de toda quantidade. O caso já foi enunciado com respeito às indefinidas, particulares e singulares. Neste ponto, o seu estatuto é semelhante, pois as indefinidas e as particulares, a menos que estejam pela mesma coisa, como é o caso nas singulares, não são opostas por via de afirmação e negação, uma vez que são ao mesmo tempo verdadeiras. Portanto, ele volta a sua atenção para as de quantidade universal. *É evidente*, ele diz, *que não fará diferença com respeito à questão proposta se postularmos as afirmações universalmente*, pois a contrária da afirmativa universal é a negativa universal, e não a afirmação universal de um contrário. Por exemplo, a contrária da opinião de que tudo o que é bom é bom é a opinião de que *nada do que é bom* (isto é, nenhum bem) *é bom*. Ele manifesta isto pela definição nominal da afirmativa universal: *pois a opinião de que aquilo que é bom é bom, se o bom é universal*, isto é, a opinião universal "Todo bem é bom", *é a mesma*, isto é, é equivalente à opinião de que *tudo o que é bom é bom*. Consequentemente, a sua negação é a contrária que eu afirmei: "Nada do que é bom é bom", isto é, "Nenhum bem é bom".

O caso é semelhante com respeito ao não bom. A negação universal do não bom é oposta à afirmação universal do não bom, como enunciamos com respeito ao bem.

17. Depois, ele diz: *Se, portanto, este é o caso com respeito à opinião, e as afirmações e negações no som vocal são sinais daquelas na alma*, etc. Com isto, ele volta à questão primeiramente apresentada, para lhe responder, pois agora completou a segunda, da qual a primeira depende. Primeiro, ele responde à questão; depois, manifesta um ponto na solução de uma dificuldade

precedente, onde diz: *É evidente, também, que o verdadeiro não pode ser contrário ao verdadeiro, nem na opinião, nem na contradição, etc.*

Primeiro, então, ele responde diretamente à questão: *Se, portanto, a contrariedade é tal no caso das opiniões, e as afirmações e negações no som vocal são sinais das afirmações e negações na alma, é evidente que a contrária da afirmação, isto é, da enunciação afirmativa, é a negação do mesmo sujeito.* Em outras palavras, a enunciação negativa do mesmo predicado do mesmo sujeito será a contrária, e não a enunciação afirmativa de um contrário. Assim, a resposta à primeira questão — se a contrária da enunciação afirmativa é a sua negativa ou a afirmativa contrária — é clara. A resposta é que a negativa é a contrária.

Em seguida, ele divide a negação enquanto é contrária à afirmação, isto é, em negação universal e contraditória: *A universal, isto é, a negação, é contrária à afirmação, etc.* A fim de enunciar esta divisão a título de exemplo, ele relaciona uma enunciação a uma enunciação: a contrária da enunciação afirmativa universal "Todo bem é bom" ou "Todo homem é bom" é a negativa universal "Nenhum bem é bom" ou "Nenhum homem é bom". Novamente, relacionando uma a uma, ele diz que a negação contraditória contrária à afirmação universal é "Nem todo homem é bom" ou "Nem tudo o que é bom é bom". Assim, ele postula ambos os membros da divisão e torna a divisão evidente.

18. Surge uma dificuldade neste ponto que não podemos desconsiderar. Se a contrária da afirmativa universal é uma dupla negação, a saber, a universal e a contraditória, ou há dois contrários para uma afirmação, ou Aristóteles está usando a contrariedade em um sentido amplo, embora tenhamos mostrado que este não era o caso a propósito de uma passagem anterior do texto. A dificuldade é aumentada pelo fato de que Aristóteles disse, na passagem imediatamente precedente, que não faz diferença se tomamos a negação universal como contrária à afirmação universal, isto é, como uma das suas negações. Donde, a conclusão não pode ser evitada: no modo como Aristóteles fala da contrariedade aqui, há duas negações contrárias à afirmativa universal.

19. Para esclarecer esta dificuldade, devemos notar que uma coisa é falar da contrariedade que há entre a negação de alguma afirmativa universal em relação à afirmação de um contrário, e outra é falar dessa mesma negativa universal em relação à negação contraditória à mesma afirmativa. Por exemplo, as quatro enunciações de que estamos agora falando são a afirmativa universal, a contraditória, a negativa universal e a afirmação universal de um contrário: "Todo homem é justo", "Nem todo homem é justo", "Nenhum homem é justo", "Todo homem é injusto". Note-se que, embora todas as restantes sejam contrárias à primeira de algum modo, há uma grande diferença entre a contrariedade de cada uma em relação à primeira. A última, a afirmação de um contrário, é contrária à primeira por razão da negação universal precedente, pois é falsa, não por si, mas por razão dessa negação, isto é, é implicativa, como Aristóteles já provou. A terceira, a negação universal, também não é por si contrária à primeira. É contrária por razão da segunda, a negação contraditória, e pela mesma razão, isto é, não é por si falsa com respeito à verdade da afirmação, mas é implicativa, pois contém a negação contraditória "Nem todo homem é justo", por meio da qual se torna falsa com respeito à verdade da afirmação. A razão disto é que a falsidade da negação contraditória é anterior absolutamente à falsidade da negação universal, pois o todo é mais composto e posterior em comparação com as suas partes. Há, portanto, uma ordem entre estas três enunciações falsas. Apenas a negação contraditória é simplesmente contrária à

afirmação verdadeira, pois é por si falsa simplesmente com respeito à afirmação; a afirmativa do contrário é *per accidens* contrária, uma vez que é *per accidens* falsa; a negação universal, que é um médium que participa da natureza de cada extremo, é por si contrária e por si falsa enquanto relacionada à afirmação de um contrário, mas é *per accidens* falsa e *per accidens* contrária enquanto relacionada à negação contraditória; assim como o vermelho, em um movimento do vermelho ao negro, toma o lugar do branco, e, em um movimento do vermelho ao branco, toma o lugar do negro, como se diz no livro V da *Física* [5: 229b 15].

Portanto, uma coisa é falar da negação universal em relação à afirmação de um contrário, e outra é falar dela em relação à negação contraditória. Se estamos falando dela do primeiro modo, a negação universal é por si contrária e por si falsa; se do segundo, não é por si falsa ou contrária à afirmação.

20. Uma vez que Aristóteles está agora tratando a questão sobre qual é a contrária de uma afirmação verdadeira, a afirmação de um contrário ou a negação, e não a questão sobre qual das negações é contrária a uma afirmação verdadeira — como é claro em toda a progressão da questão — a sua resposta é que ambas as negações são contrárias à afirmação verdadeira, sem distinção, e que a afirmação de um contrário não o é. A sua intenção é manifestar a diversidade entre a negação e a afirmação de um contrário, enquanto são contrárias a uma afirmação verdadeira. Ele não pretende dizer que ambas as negações são contrárias simplesmente, pois esta não é a dificuldade em questão aqui, mas a primeira o é.

Com respeito ao seu dizer que *não faz diferença se postularmos a negação universal*, o mesmo ponto se aplica, pois, no que diz respeito a mostrar que a afirmação de um contrário não é contrária a uma afirmação verdadeira, que é a questão em causa aqui, não faz diferença qual negação é postulada. Faria uma grande diferença, contudo, se quiséssemos discutir qual negação era contrária a uma afirmação verdadeira.

É evidente, então, que a discussão de Aristóteles sobre a verdadeira contrariedade das enunciações é muito sutil, pois ele postulou um a um contrários em toda matéria e quantidade, e afirmou que as contradições são contrárias simplesmente.

21. Quando ele diz: *É evidente, também, que o verdadeiro não pode ser contrário ao verdadeiro, nem na opinião, nem na contradição*, etc., ele volta a uma afirmação que já fez, a fim de prová-la. *É evidente, também*, pelo que foi dito, *que o verdadeiro não pode ser contrário ao verdadeiro, nem na opinião, nem na contradição*, isto é, na enunciação vocal. Ele dá como causa disto que *os contrários são opostos acerca da mesma coisa*; conseqüentemente, as enunciações e opiniões verdadeiras sobre coisas diversas não podem ser contrárias. Contudo, é possível que todas as enunciações e opiniões verdadeiras sobre a mesma coisa sejam verificadas ao mesmo tempo, enquanto as coisas significadas ou representadas por elas pertencem à mesma coisa ao mesmo tempo; de outro modo, não são verdadeiras. Conseqüentemente, nem todas as enunciações e opiniões verdadeiras sobre a mesma coisa são contrárias, pois *não é possível que os contrários estejam na mesma coisa ao mesmo tempo*. Portanto, nenhuma opinião ou enunciação verdadeira, quer seja sobre a mesma coisa, quer seja sobre outra, é contrária a outra.